

Márcio Moreira Alves

■ DE BRÁSILIA



Contas de chegar

— Não há número para votar. Pior: ainda não temos acordo.

Marco Maciel passou-me a informação na porta do Congresso, pouco além do meio-dia, quando, segundo os cálculos otimistas que Néelson Jobim fizera na véspera, já se deveria ter aprovado as medidas provisórias do plano de Fernando Henrique Cardoso. Uma hora mais tarde, o placar do plenário registrava a presença de 217 deputados. Os senadores não tinham sido contados, mas a ausência era evidente. Conhecidos, só Mário Covas e Josaphat Marinho, que há dez dias comparece às reuniões do Congresso na esperança de poder fazer uma análise jurídica da revisão e não encontra clima favorável a um debate sério.

— Aqui só tem deputado fazendo pronunciamentos de cinco minutos no pinga-fogo — queixa-se. — Vou fazer o meu discurso no Senado.

Lúcia Braga (PDT-PB) parecia de luto, com óculos escuros e um vestido roxo. Havia motivos. Foi ao microfone comunicar a morte, em Londrina, Paraná, de um grande paraibano, que se desencantara da política e do estado natal: José Jofilly. Jofilly era um deputado sério como sobram poucos, ardente defensor das teses nacionalistas que permitiram ao Estado brasileiro alavancar a industrialização do país e que são hoje, esgotado o processo de substituição de importações, consideradas inadequadas ou retrógradas. A morte aliviou-o do amargor que deveria sentir, ao ver como o Brasil desenganou os seus sonhos de juventude. Não houve apartes. Ninguém sabia quem fora Jofilly. A lembrança dos heróis cívicos dura, entre nós, duas semanas, se tanto. Ullysses já se confundiu com Getúlio, Teotônio Vilela com o Padre Cícero.

Como de hábito, havia uma penca de deputados batendo papo no meio do corredor central e outra, à volta dos microfones da esquerda, onde se senta a oposição. Fora isso, alguns gatos pingados liam os jornais, espalhados pelo plenário.

Dois ou três cogitados para a lista de cassações andavam sem companhia pelos corredores, como almas penadas. Procuram constranger os colegas pela presença. Rotina pura. Nada que sinalizasse para a importância do dia, que deve-

ria decidir o destino da proposta de combate à inflação e dar início a uma nova redação de um texto constitucional que, se não pretende durar mil anos, como o III Reich de Hitler, deverá durar ao menos uma década.

Como sempre, o trabalho importante estava sendo feito por grupos menores, em gabinetes e salas de comissão.

A prioridade, estabelecida pelas lideranças, é para as medidas provisórias. Luís Roberto Ponte e Gonzaga Motta dedicaram-se a contas de chegar para conseguir objetivos aparentemente contraditórios: dar ao Governo os recursos que considera indispensáveis para zerar o déficit público e recusar as duas principais propostas que recebiam.

A proposta orçamentária imbutia um déficit de 22 bilhões de dólares. Até o início da noite, as contas de chegar já o haviam reduzido a 6,4 bilhões, sendo 3,7 de aumentos de impostos e 2,7 de retenção de transferências obrigatórias a estados e municípios. Depois de muita luta, preservaram-se os fundos de participação, mas o resultado financeiro previsto para este ano caiu para 600 milhões de dólares. A redução das propostas de aumento de impostos, buscando preservar o poder aquisitivo da classe média e da média-baixa, provocou novo rombo. O relator vai levar três propostas ao plenário: acabar com o ressarcimento aos exportadores do IPI que incide sobre exportações, o que representaria cerca de um bilhão de dólares; permitir ao Governo federal que não distribua a estados e municípios o Imposto de Renda devido por funcionários federais, representando 400 milhões de dólares, e finalmente, aumentando em 1,9 bilhão de dólares o cálculo da arrecadação do Cofins. Como garantir o que falta era o tema da aca-laroda discussão que se seguiu e talvez prossiga com as próximas votações.

Fernando Henrique, sentindo-se desprotegido, mudou-se para o Congresso no início da tarde, para apressar as negociações. A disposição da maioria era a de fazer-lhe a vontade, para que não atribuisse aos parlamentares o fracasso do plano. Ele está jogando tudo ou nada, porque as suas contas não têm apenas que chegar. Têm de ser exatas, com contas de encaixar.